

VINTE E CINCO ANOS DE ARQUEOLOGIA EM ALMADA

Na vida das instituições, tal como na dos seus membros, a passagem do tempo é pontilhada de datas que, pelo seu simbolismo, se constituem em referentes históricos e momentos de reflexão que reivindicando um passado, permitem consolidar o presente e perspectivar o futuro — 25 anos de existência é, de facto, um desses momentos e vivemo-lo desde já no Centro de Arqueologia de Almada (= CAA), assinalando a comemoração de um quarto de século de actividade ininterrupta que se cumprirá no dia 1 de Novembro deste ano de 1997.

Para trás fica um longo trajecto, iniciado por um reduzido grupo de jovens almadenses, estudantes de liceu. Hoje, a associação congrega mais de 250 pessoas, ainda maioritariamente jovens (cerca de 2/3 com menos de 30 anos), mas agora representando todo o País (mais de metade não residem no concelho de Almada) e um variado leque de formações de nível superior (quase 60% dos sócios frequenta ou concluiu o ensino universitário, registando-se igualmente diversos mestrados e doutoramentos), que ultrapassa largamente as fronteiras da História e da Arqueologia e se enriquece com a Antropologia, a Sociologia, a Paleontologia, a Geologia, a Arquitectura, a Engenharia e a Economia... até ao Design Gráfico, o Teatro e a Música, etc. Com estudantes e professores de todos os graus de ensino coexistem as mais diversificadas experiências profissionais, das directamente ligadas à actividade arqueológica de campo, à conservação, à museologia... a outras que com estas nada têm a ver e apenas revelam um saudável interesse individual pelas áreas de intervenção associativa¹.

Paralelamente, essa intervenção extravasou os limites do concelho de Almada, repartindo-se agora por apoios a universidades, empresas e instituições diversas, nomeadamente órgãos do poder central e local, neste último caso com especial incidência nos municípios do Seixal, Vila Franca de Xira e Alcochete, para referir apenas os que mais frequentemente recorrem a uma colaboração que levou, inclusive, à formalização de protocolos com as autarquias do Seixal (desde 1990) e de Almada (já em 1997, reformulando e alargando o âmbito de acordos pontuais anteriores).

Crescendo e expandindo-se com os seus associados, o CAA permitiu ainda, enquanto instituição, enquadrar e potenciar as capacidades que cada um foi desenvolvendo, conciliando uma gestão equilibrada do seu mais rico património, os recursos humanos, com a instalação gradual de meios técnicos e equipamentos que conduziram à diversificação e à qualificação das valências de intervenção.

¹ Para caracterização pormenorizada da associação, em termos da sua estrutura, actividades e recursos, ver texto do autor destas linhas, intitulado “Centro de Arqueologia de Almada: uma experiência de associativismo”, correspondente a comunicação apresentada aos Encontros *Cem Anos de Arqueologia*, realizados em Vila do Conde e Barcelos de 14 a 16 de Junho de 1996, e inserido nas respectivas Actas.

No plano mais estritamente ligado à actividade arqueológica, das primeiras prospecções sistemáticas do Concelho de Almada, desenvolvidas na segunda metade da década de 70², cedo se passou a pequenas intervenções de emergência e salvamento (com o imprescindível contributo do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal) e ao desenvolvimento de projectos de investigação regional, como o relativo à *Ocupação Romana na Margem Esquerda do Estuário do Tejo*. Promovido em parceria com as autarquias de Alcochete, Seixal, Almada e Benavente, este projecto envolveu campanhas de escavação planificada na fábrica de salga de Cacilhas (Almada, 1987) e nas olarias da Qt.^a da Garrocheira (Benavente, 1987), Qt.^a do Rouxinol (Seixal, anualmente de 1986 a 1991) e Porto dos Cacos (Alcochete, anualmente de 1985 a 1990), culminando a sua primeira fase com a organização das I.^{as} *Jornadas sobre a Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado* (Seixal, Dezembro de 1991)³. Apresentado em diversas reuniões científicas e com espólio acessível ao público em várias ocasiões (de carácter temporário como, por exemplo, as realizadas no âmbito da Lisboa'94, ou "permanente", como as zonas que lhe são especificamente dedicadas nos museus municipais de Alcochete e do Seixal), dele resultou abundante bibliografia, em publicações nacionais e estrangeiras.

Porque, em Arqueologia, investigar é indissociável de conservar, o tratamento sumário e acondicionamento dos materiais oriundos de recolhas de superfície deu lugar, com o desenvolvimento das acções de escavação, à instalação de um verdadeiro laboratório de conservação e restauro, preferencialmente vocacionado para a área das cerâmicas arqueológicas, que procura resolver as necessidades da associação e responde cada vez mais a solicitações externas que lhe são dirigidas, executando trabalhos para investigadores, museus, universidades, empresas, etc. Ensaaiaram-se ainda algumas experiências bem sucedidas de conservação de estruturas *in situ* (como, por exemplo, na olaria romana da Qt.^a do Rouxinol) e criou-se uma linha de produção de réplicas e miniaturas de materiais paleontológicos e arqueológicos, onde às peças executadas por iniciativa do CAA (pico paleolítico, lucerna e ânforas romanas) se vão juntando encomendas de instituições diversas (IPM, Câmaras Municipais do Seixal e de Loures, Sociedade Martins Sarmento, etc.).

Preenchendo o espaço de uma associação de defesa do Património que sempre faltou em Almada, o CAA empenhou-se igualmente na denúncia dos casos mais graves de atentado ao património construído, tendo colaborado na Comissão Municipal de Património que produziu um instrumento de gestão fundamental, delimitando os núcleos históricos das diferentes freguesias do Concelho, um dos quais, o de Almada, posteriormente classificado de Interesse Público, em resultado de processo desencadeado pela associação. Beneficiando da multidisciplinaridade dos seus sócios, promoveram-se também projectos de investigação histórica, arqueológica, antropológica e sociológica em zonas seleccionadas pela sua importância no contexto concelhio, como sejam a da Ramalha

² Reveladoras de dezenas de sítios e de uma ocupação humana permanente desde a Pré-História antiga até à actualidade, numa clara confirmação de que a alegada ausência de vestígios não passava de ausência de investigação.

³ Ver FILIPE, Graça & RAPOSO, Jorge (coord.), 1996 — *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado* (Actas das I.^{as} Jornadas sobre a Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado), colecção Nova Enciclopédia, nº 53, Lisboa, Publicações Dom Quixote/Câmara Municipal do Seixal.

e o Ginjal⁴. Por fim, este labor permitiu estabelecer uma metodologia de inventário e registo que presentemente sustenta acções de grande envergadura nos concelhos do Seixal e de Vila Franca de Xira, ao nível do património construído em geral ou, em particular, das aplicações azulejares, envolvendo a criação de aplicações informáticas específicas para base de dados, a descrição e caracterização técnica e o registo cartográfico, fotográfico e em peças desenhadas com recurso às mais modernas técnicas de CAD aplicado ao projecto arquitectónico. Também aqui se desenvolveram paralelamente capacidades de intervenção qualificada ao nível do tratamento, conservação e restauro de aplicações azulejares, *in situ* ou em laboratório, com frequentes trabalhos que vão do simples salvamento, ao tratamento para ingresso em reserva museológica ou à reaplicação em suporte arquitectónico ou museográfico.

Por outro lado, conscientes de que a dignificação e o reconhecimento social da actividade arqueológica passa inevitavelmente pelo reforço da ligação a outros sectores da investigação científica e, principalmente, à comunidade em geral, a animação e divulgação assumiu desde sempre um papel de relevo, primeiro ao nível do apoio pedagógico a estudantes e professores dos estabelecimentos de ensino locais, depois na montagem de exposições, organização de acções de formação, colóquios, debates e visitas de estudo, finalmente, e sobretudo, através de uma prática editorial em que pequenas brochuras e desdobráveis deram lugar à produção quadrimestral de um *Boletim de Ligação aos Sócios, Colaboradores e Amigos* e à edição anual da revista *Al-madan*. Também ela trans-disciplinar, espaço de produção de conhecimento e reflexão crítica, *Al-madan* abrange especialmente as temáticas da Arqueologia, Património e História Local e vem-se afirmando no limitado panorama das publicações de divulgação científica portuguesa, contribuindo, na medida em que atinge um público cada vez mais vasto, para a elevação do estatuto profissional do arqueólogo e, conseqüentemente, da sua disciplina. Com um nº 0 editado em 1982 e após um breve interregno, *Al-madan* voltou às bancas em 1992, contando já com centenas de colaborações especializadas, nomeadamente em *dossiers* especiais dedicados à situação da Arqueologia portuguesa, aos museus nacionais com colecções arqueológicas, à actividade desenvolvida na região da Grande Lisboa, às relações entre a Arqueologia e a avaliação de impactes ambientais e, por fim, às que esta disciplina mantém com diversas outras áreas científicas. Também aqui são os associados que asseguram todas as tarefas de distribuição e produção, nomeadamente na administração, redacção, secretariado e processamento de texto, e, ainda, na ilustração, preparação gráfica e edição electrónica.

Quando se assume a importância do debate das questões ético-profissionais levantadas pelo exercício da actividade arqueológica, considerando imperiosa a definição de um código deontológico que enquadre tanto os que desenvolvem ligados a organismos do poder central ou local, como os que têm de enfrentar as regras de um mercado privado em expansão, toda a transformação acima descrita para o CAA ocorreu no plano do que poderemos chamar uma “terceira via” entre o funcionalismo e o empresariado individual, tantas vezes conotados com as suas versões mais negativas do “comodismo”

⁴Sobre a primeira, palco de uma das mais significativas manifestações profano-religiosas do Concelho de Almada e antiga área de quintas agrícolas bruscamente transformada em bairro residencial, editaram-se uma pequena monografia e um vídeo; quanto ao Ginjal, o projecto está ainda na fase de pesquisa documental, inquérito e registo arquitectónico.

e da apatia, no primeiro caso, ou da acção “selvagem” que sem regras procura salvaguardar o lucro, no segundo. De facto, a experiência que vivemos em Almada parece confirmar a via do associativismo como alternativa perfeitamente válida, mesmo na sociedade dos nossos dias, permitindo conciliar com vantagem dois termos aparentemente exclusivos numa prática simultaneamente *amadora* e *profissional*, isto é, característica de quem ama o que faz sem aspirar a benefícios pessoais, fazendo-o no mais profundo respeito pelas regras da profissão!

Obviamente, o próprio crescimento associativo e a emergência de um novo contexto sócio-profissional implicou adaptações num modelo de início exclusivamente assente no voluntariado e na angariação de subsídios, sempre parcos, incertos, resultantes de um poder de decisão externo altamente subjectivo e limitador de uma adequada planificação e gestão de recursos. Sem deixar de confrontar os poderes públicos com as suas responsabilidades para com o Património, *sensu lato*, procurou-se assim complementar esse empenhamento com a criação de vias de auto-financiamento que, desenvolvidas nos últimos cinco anos na área das edições, produções de réplicas e miniaturas e na prestação de serviços qualificados de arqueologia, inventário, conservação e restauro, atingem hoje praticamente a mesma ordem de grandeza dos subsídios. É esta estratégia de adaptação da associação ao mercado que contribui para manter um outro conjunto de actividades, dificilmente “subsidiáveis” e onde se aplicam as margens de comercialização obtidas, viabilizando a prossecução dos objectivos que, desde 1972, norteiam a acção do CAA e lhe permitem não abdicar de princípios essenciais e do espírito que presidiu à sua fundação.

Construindo a sua própria viabilidade económica e afectando as receitas geradas à melhoria das capacidades instaladas e ao apoio de actividades de inegável interesse social, cultural, científico e pedagógico, o CAA, enquanto experiência colectiva, aberta e profundamente democrática, constitui-se ainda em campo de intervenção cívica, onde é possível e desejável uma participação individual que reforce esta e outras estruturas de âmbito profissional, representativo ou associativo, de que poderemos encontrar exemplos na Associação Profissional de Arqueólogos e na Associação dos Arqueólogos Portugueses, mas também na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, na Arqueonáutica, na Associação Cultural de Cascais, no Centro de Estudos de Arte e Arqueologia de Tomar... e em muitas mais que contribuem para enquadrar a Arqueologia no contexto das Ciências Sociais e Humanas e definir o seu estatuto na sociedade dos dias de hoje. Da dinamização destas estruturas dependerá o seu maior ou menor reconhecimento social e, conseqüentemente, a sua maior ou menor capacidade interventora na definição de políticas culturais coerentes, com reflexos no plano legislativo e na prática quotidiana.

É este o passado reivindicado pelo Centro de Arqueologia de Almada, que lhe permite ser uma associação prestigiada no presente e atrair um número crescente de vontades pessoais e institucionais que garantem o seu futuro. Um futuro que começa já neste ano de 1997 e será marcado por uma campanha de angariação de novos sócios e por um esforço especial de diversificação e divulgação das actividades associativas, materializado em novas edições e produções, visitas guiadas e ciclos de conferências, acções pedagógicas inovadoras dirigidas aos estabelecimentos de ensino locais e à ocupação de tempos livres, itinerância de exposições e orientação de acções de formação, tudo isto em complemento de um Plano de Actividades que já garantia um quotidiano associativo de investigação e divulgação científica, defesa e preservação do Património

e animação cultural. Assim, assinalaremos um quarto de século de trabalho da única maneira que sabemos, isto é, trabalhando um pouco mais!...

Só esperamos que este seja também o ano em que se ultrapasse a maior condicionante de quanto acima se escreveu, encontrando um espaço adequado à sede social da associação que não limite, como sucede actualmente, as suas capacidades de enquadramento e realização. De qualquer modo, cremos que valerá a pena prestar atenção à actividade do Centro de Arqueologia de Almada no ano que decorre... Mas melhor será ainda "vivê-la por dentro", como interveniente privilegiado, consciente das suas responsabilidades individuais e solidário com um movimento colectivo que procura divulgar e dignificar uma área de produção de conhecimento indispensável à sociedade contemporânea.

Nem sequer é difícil... Basta preencher uma ficha de inscrição de sócio!...

Jorge Manuel C. Raposo
Centro de Arqueologia de Almada
Janeiro de 1997

Centro de Arqueologia de Almada

Apartado 603 (Pragal), 2801, Almada Codex
 Tel./Fax (01) 276 69 75



Fundado em Novembro de 1972 (cumpre em 1997
 vinte e cinco anos de actividade ininterrupta).

Pessoa Colectiva de Utilidade Pública desde 1985.

Associação inscrita no Registo Nacional das Associações Juvenis.

Membro fundador do European FORUM of Heritage Associations.

Membro de diversas outras instituições nacionais (Sociedade Geológica Portuguesa, Confederação Portuguesa das Associações de Defesa do Ambiente, Associação para o Desenvolvimento da Conservação e Restauro) e estrangeiras (European Association of Archaeologists, Soci  t   Pr  historique Fran  aise, International Institute for Conservation). P  lo dinamizador de um diversificado conjunto de val  ncias de investiga  o, preserva  o e divulga  o hist  rico-arqueol  gica, assente no voluntariado e complementado com a presta  o de servi  os qualificados.

Institui  o aberta    inscri  o de todos os interessados, independentemente da sua forma  o acad  mica ou ocupa  o profissional, enquadra presentemente mais de 250 s  cios individuais e colectivos, que assim adquirem pleno direito    participa  o na vida associativa e beneficiam do acesso privilegiado   s suas realiza  es e produ  es.